



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELCILENE DA SILVA CARDOSO

**MEMORIAL ACADÊMICO:
TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL**

Altamira, Pará
2021

ELCILENE DA SILVA CARDOSO

**MEMORIAL ACADÊMICO:
TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Altamira, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Rozinaldo Ribeiro da Silva

Altamira, Pará
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- C268m Cardoso, Elcilene da Silva.
Memorial Acadêmico: trajetória escolar, acadêmica e
profissional / Elcilene da Silva Cardoso. — 2021.
33 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Me. Rozinaldo Ribeiro da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2021.

1. Escola. Universidade. Trabalho. Educação.. I. Título.

CDD 370

Elaborado por Elcilene da Silva Cardoso

Como requisito parcial para obtenção do grau de

Licenciatura em Pedagogia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Rozinaldo Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Orientador

Profa. Dra. Léia Gonçalves de Freitas
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Examinadora

Prof. Me. Fledys Nascimento Sousa
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Examinador

Altamira, Pará
2021

Dedico à minha família, que são base na minha vida. Aos meus pais, Maria Helena e José Aranha. Aos meus filhos, Juliana e Jorge. Ao meu esposo, Jaime Souza. Aos meus irmãos e irmã Osvaldino, Josevaldo, Josenildo, Josenilson e Edilene.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao nosso Deus pelo dom da vida, por guiar meus passos e me dar forças para chegar até aqui.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), por me dar a chance e todas as ferramentas necessárias que me permitiram chegar ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

Aos meus pais José Aranha e Maria Helena, em especial a minha mãe, por sua determinação e coragem me mandando para outra cidade para continuar meus estudos. Você continua sendo meu alicerce em toda a minha trajetória de vida.

À Zenilde Almeida e João Araújo pelo acolhimento em sua casa durante meu Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Aos meus filhos Juliana e Jorge, que durante esse período de formação caminharam comigo à essa conquista. Ao meu parceiro Jaime Souza, pelo incentivo a cursar uma faculdade e apoio durante o percurso. Aos meus irmãos pelo apoio, amizade e carinho durante toda a minha vida.

A todos os professores do curso de Pedagogia da UFPA campus Altamira, os quais foram essenciais na transmissão do conhecimento, em especial ao meu orientador Prof. Me. Rozinaldo Ribeiro, que para mim é um mestre, pois sua forma de passar conhecimento trabalhando a realidade do aluno consegue passar informações grandiosas, ao qual agradeço também pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de formação.

A banca examinadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Profa. Dra. Léia Gonçalves de Freitas e Prof. Me. Fledys Nascimento Sousa

As minhas colegas de curso pela troca de conhecimentos e apoio durante esses quatro anos, pois são mulheres guerreiras que embora os desafios durante esse período não desistiram de sua formação.

As minhas amigas de faculdade, grupo de trabalho e vida Jucenilda e Ângela, pelos laços fraternos de amizade e rede de apoio construído neste período.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TRAJETÓRIA DE VIDA ATÉ MEU ENCONTRO COM A ESCOLA	10
2 FORMAÇÃO EDUCACIONAL INICIAL	12
3 MINHA ENTRADA NA UNIVERSIDADE E NA VIDA ACADÊMICA	17
3.1 AS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO COM A COVID-19.....	24
3.2 MINHAS EXPERIÊNCIAS COM FREIRE E LEBÂNEO.....	27
3.3 MULHER, MÃE E EDUCADORA	28
4 MEU ENCONTRO COM O TRABALHO PROFISSIONAL	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	30

MEMORIAL ACADÊMICO: TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

RESUMO

Diante da busca por uma reflexão consciente sobre minhas vivências e memórias, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), escrito em forma de Memorial Acadêmico, tem como objetivo geral relatar a minha vida escolar, acadêmica e profissional. Nele consta toda essa minha trajetória e as situações pelas quais passei antes e durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Altamira. Evidenciando também sobre como se dá o processo educacional na vida de uma mulher que decide estudar e chegar ao Ensino Superior no Brasil, proporcionando, assim, uma melhor visão da realidade vivida por nós mulheres na busca por conhecimento e por uma vida melhor. Esse estudo possui natureza qualitativa. Nele estabeleço ainda, as relações entre as fases mais marcantes da minha vida, desde os primeiros anos escolares, até este momento.

Palavras-Chave: Escola. Universidade. Trabalho. Educação.

ABSTRACT

In this End of Course Work (TCC), written as an Academic Memorial, I had as a general objective to report my school, academic and professional life. It includes my trajectory and the situations I went through before and during the course of Licentiate in Pedagogy at the Federal University of Pará, University Campus of Altamira. It also shows how the educational process happens in the life of a woman who decides to study and reach higher education in Brazil, thus providing a better view of the reality experienced by us women in the search for knowledge and a better life. This study is qualitative in nature. In it I also establish relationships between the most important phases of my life, from my early school years until now.

Keywords: School. University. Work. Education.

INTRODUÇÃO

Nesse memorial apresento algumas reflexões sobre as memórias que possuo sobre minha trajetória escolar, acadêmica e profissional, que é inteiramente perpassada por minhas experiências humanas, que se deram em relação com o mundo e com meus pares.

Os estudiosos que tratam da produção textual no contexto da academia sempre nos lembram dos cuidados gramaticais e estéticos que devemos tomar na redação de textos acadêmicos. Motta-Roth e Handges (2010) dizem que escrever é produzir textos com

objetivos muito específicos, em que a própria forma com que foi construído evidencia seu gênero. Além disso, também nos lembram que quando redigimos precisamos ter uma imagem precisa daqueles para quem escrevemos, a fim de darmos aos nossos interlocutores o que eles buscam. Nesse sentido, busco com esse memorial expressar a meu processo de construção identitária, registrar minhas emoções, minhas descobertas e os acontecimentos que marcam a minha trajetória (ARCOVERDE; ARCOVERDE, 2007).

Como ressaltado por Souza e Dourado (2014, p. 40) o memorial de formação é um gênero textual apresentado em forma de “uma narrativa descritiva de rica possibilidade de produção acadêmica onde as experiências vivenciadas em [...] interação com outros textos, discursos e interlocutores possibilitam aprendizagens significativas”. No entanto, nele é preciso acessar memórias remotas, voltar ao passado, estabelecer relações, fazer rascunho, anotar, gravar para que não se percam e, assim, poder escrevê-lo com as lembranças que julgamos importantes no nosso processo de formação social e profissional.

Sobre memórias há muitas definições, porém, Candau (2011) a conceitua em três dimensões: a primeira seria a protomemória, definida pelo autor como a memória social introjetada pelo sujeito que é expressa através das ações e da linguagem quase que de forma inconsciente, sem uma reflexão prévia sobre o ato, isto é, de forma passiva; a segunda seria a memória propriamente dita, ou seja, as recordações que realizamos de forma consciente e voluntária, como conhecimentos sobre determinado assunto, costumes e tradições; e a terceira dimensão, seria a metamemória, que é a forma com que representamos e damos significados às nossas lembranças e recordações, isto é, uma reflexão consciente sobre nossas memórias.

Considerando essa última dimensão da memória, chamada por Candau (2011) de metamemória, eu poderia tentar fazer uma escrita desligada dos entendimentos que tenho hoje sobre a vida, mas a carga de experiências e vivências que trago não me permite realizar essa tarefa. Desse modo, trago como objetivo geral relatar a minha trajetória escolar, acadêmica e profissional, enfatizando as situações pelas quais passei antes e durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Altamira.

Evidenciando também sobre como se dá o processo educacional na vida de uma mulher que decide estudar e chegar ao Ensino Superior no Brasil, proporcionando, assim, uma melhor visão da realidade vivida por nós mulheres na busca por conhecimento e por uma vida melhor. Estabeleço ainda, as relações entre as fases mais marcantes da minha vida, desde os primeiros anos escolares, até este momento.

Esse estudo possui natureza qualitativa, principalmente por trazer ponderações situadas nas minhas experiências socioeducativas e no meu processo de formação. Para Minayo (2001), na abordagem qualitativa se tem como proposta responder questões muito específicas, se preocupando com realidades que não podem ser quantificadas, em outras palavras, trabalha com significados, motivações, aspirações, crenças etc. e fenômenos que não podem ser operacionalizados por meio de variáveis.

Assim, para ajudar nessas reflexões, apoio-me teoricamente em Libâneo (1998), Freire (1996), Brandão (1981), entre outros autores, com objetivo de compreender meus percursos escolares.

1 TRAJETÓRIA DE VIDA ATÉ MEU ENCONTRO COM A ESCOLA

Meu nome é Elcilene da Silva Cardoso, sou casada e tenho dois filhos. Nasci no dia 21 de abril de 1987, no povoado Boa Vista de São João, no Estado do Maranhão. Nesse povoado (Figura 1), morei até os meus 13 anos de idade, depois, em 2000, fui morar no município de Luís Domingues, também no Maranhão.

Figura 1 – Povoado Boa vista de São João



Fonte: Imagem tirada da internet.

Sou filha de pescadores tradicionais da praia. Minha mãe se chama Maria Helena e se divorciou do seu companheiro quando estava grávida de mim, pois queria que eu e meus cinco irmãos, uma menina e quatro meninos, tivéssemos a oportunidade de estudar, o que era impossível no estilo de vida que levava quando casada, já que constantemente precisava

mudar de uma praia para outra. Relato o motivo pelo qual ela pôs fim no casamento porque foi essa decisão que me permitiu ter acesso à educação formal e chegar ao Ensino Superior.

Dos seis filhos de minha mãe, somente eu e minha irmã conseguimos acessar a Educação Superior. Estou finalizando minha formação acadêmica e minha irmã está em processo de formação. Meus irmãos não conseguiram terminar nem mesmo Ensino Fundamental, por motivos como: as mudanças de praias; a escola da localidade oferecia somente os primeiros anos do Ensino Fundamental; e principalmente a necessidade de trabalhar, pois, como a minha mãe era só, meus irmãos ajudavam no sustento da família.

Na época, contávamos com o auxílio do governo municipal, que mandava todo mês uma cesta básica, além de assistência médica para a comunidade. Vivíamos em um lugar onde não podíamos reclamar do que a natureza nos proporcionava, pois a localidade é bem rica em alimentos marinhos.

Até os dias de hoje tenho um sentimento saudosista pelas vivências na praia. O cotidiano, os alimentos e as brincadeiras ficaram cravados em minha memória. Eu tenho um sentimento de pertencimento a esse lugar, à minha comunidade. Aliás, quando você não assume suas origens, deixa o espaço aberto para aqueles que não aceitam seus costumes, para as ofensas, para os preconceitos ou para os que não te aceitam.

Talvez eu esteja falando de uma pequena comunidade praiana, no Estado do Maranhão, que daqui a 30 ou 40 anos nem existirá mais, pois, com o passar dos anos, sofreu drásticas mudanças no seu espaço geográfico e na sua biodiversidade. Se observamos bem o mapa (Figura 2), a praia é uma ilha e já há uma grande parte debaixo do mar devido ao assoreamento. Em outras palavras, a praia e a comunidade estão sendo engolidas pelo oceano.

Figura 2 – Mapa da praia de Boa Vista - MA



Fonte: Google Earth.

Como mencionei anteriormente, em 2000, depois que saí da minha comunidade, fui morar em Luís Domingues - MA, com objetivo de terminar o Ensino Fundamental e cursar o Ensino Médio. Em 2007 fui estudar e trabalhar em Belém - PA e, em 2012, cheguei na cidade de Altamira - PA, ingressando no curso de Licenciatura em Pedagogia no ano de 2017.

2 FORMAÇÃO EDUCACIONAL INICIAL

Nessa busca por memórias da minha trajetória escolar, encontrei uma foto (Figura 3) na qual eu estava com meus colegas de turma e com a Profa. Miraci. Foi a primeira escola na qual estudei, na época eu tinha quatro ou cinco anos de idade. Era a escolinha particular da Dona Miraci, funcionava somente a pré-escola e ficava na praia de Boa Vista de São João. Na verdade, devo dizer que tenho poucas lembranças dessa época, acredito que seja pelo tempo que se passara desde então.

Figura 3 – Minha primeira escola e primeira professora



Fonte: Arquivo pessoal de Neura Luz.

Depois da pré-escola na escolinha da Profa. Miraci, cursei os anos iniciais do Ensino Fundamental na Unidade Escolar Newton Bello, também na praia de Boa Vista de São João. Lembro-me que era uma escola grande de madeira, muito bem construída, com três salas, refeitório, sala da diretoria, depósito e um grande pátio, que ia de uma ponta a outra da escola. Busquei fotos, mas não consegui encontrar, pois, na época, a fotografia não era tão acessível.

Essa escola, pelo menos com a infraestrutura de antes, não existe mais. Na época em que estudei na Unidade Escolar Newton Bello, havia em torno de 15 a 25 crianças, mas hoje, além de uma pequena infraestrutura (Figura 4), a escola possui apenas seis alunos matriculados (INEP, 2020).

Figura 4 – Unidade Escolar Newton Bello



Fonte: Arquivo pessoal de Patrícia Tavares.

Das poucas memórias que tenho desse período, me recordo dos desfiles do Dia 7 de setembro, das provas, dos boletins escolares e de um cartaz do Dia das Mães, que minha mãe guarda até os dias de hoje. Além disso, lembro das brincadeiras de boneca e casinha com minhas amigas e primas. As brincadeiras eram muito comuns naquele contexto, eram elaboradas a partir do que vivíamos, da nossa realidade, pois, como ressaltado por Corsaro (2011, p. 53), “as crianças se apropriam criativamente das informações do mundo adulto para produzir sua própria cultura de pares”.

Das diversas matérias que eram trabalhadas, as aulas de Matemática eram o que me causava mais pavor. Lembro que as metodologias de ensino consistiam em copiar o conteúdo no quadro e decorar a cartilha de ABC e a tabuada. O conteúdo era passado para que pudessemos memorizar, sem questionamento, e, após esse período de atividades, éramos cobrados em forma de avaliação, escrita ou oral, e quem não desse conta ficava de castigo.

Hoje, com o aporte teórico adquirido na universidade, tenho conhecimento do modelo e práticas educativas da época, pois os memos eram centrados no professor, tido como o detentor do conhecimento, e que muitas vezes se apresentava como uma figura autoritária. Para Freire (2001),

O autoritarismo do educador não se manifesta apenas no uso repressivo da autoridade, que restringe arbitrariamente os movimentos dos educandos. Manifesta-se igualmente num sem-número de oportunidades. Na vigilância doentia sobre os educandos, na falta de respeito à sua criatividade, à sua identidade cultural. Na falta de acatamento à maneira de estar sendo dos alunos das classes populares, na maneira como os adverte ou os censura. Na estreiteza com que compreende o binômio ensinar/aprender no qual educando é reduzido à memorização mecânica do que o professor deposita nele. (FREIRE, 2001, p. 73).

Entendo que esse método de ensino não cria nenhuma possibilidade de aprendizagem para o aluno e sim medo, pois ele não consegue refletir sobre o conteúdo, por se sentir pressionado. Muitas vezes fiquei de castigo, ora submetida à palmatoria ora ficar no canto ajoelhada no milho.

A escola só atendia até a 4ª Série, depois, cabia aos pais a decisão de arrumar uma maneira de mandar os filhos para estudar na cidade vizinha ou deixá-los na comunidade. Muitas crianças não continuavam seus estudos pela falta de redes de apoio em outra cidade, pois muitos não tinham familiares citadinos ou não tinham condições financeiras para mantê-los longe. Essa realidade obrigou muitas famílias a interromperem a vida escolar de seus filhos e no trabalho para ajudar no sustento.

Devido essa impossibilidade de continuar os estudos na praia, minha mãe conseguiu uma casa de família para que eu pudesse morar e estudar. Em contrapartida, eu cuidava do filho da dona da casa, isso era bastante comum nessa época. Esse foi período foi bem difícil, pois eu tinha apenas 13 anos e morei toda a minha infância na praia com alimentação, lazer, brincadeiras, convívio social, costumes e família. E de repente, tive que me distanciar desse mundo ao qual estava familiarizada. Me sentia exilada e chorava muito quando minha mãe ia me visitar, tenho certeza de que ela sofria também, mas hoje reconheço e agradeço todo o esforço que ela fez para que eu pudesse estudar.

Nessa época, comecei estudar na Unidade Integrada Auremar Teixeira Ribeiro, isso no começo do ano 2000. Eu gostava da escola, lembro-me da professora Josenildes, muito atenciosa e querida.

As metodologias aplicadas pelos professores eram: ditado, cópia, fazer acompanhamento com o livro didático, seminário, feiras escolares e outras. As atividades das feiras escolares eram muito boas, pois além de ser uma maneira de aprender, permitia a interação com as outras turmas. Para mim, sendo novata na cidade e na escola, esses momentos me facilitavam conhecer e interagir com as pessoas da cidade e da escola.

Nesse período me lembro que sofri xenofobia por ser da praia, o que acaba sendo agrupada na expressão de *bullying*. Essa situação afetava minha autoestima e muitas vezes, como mecanismo de defesa, buscava negar as minhas origens.

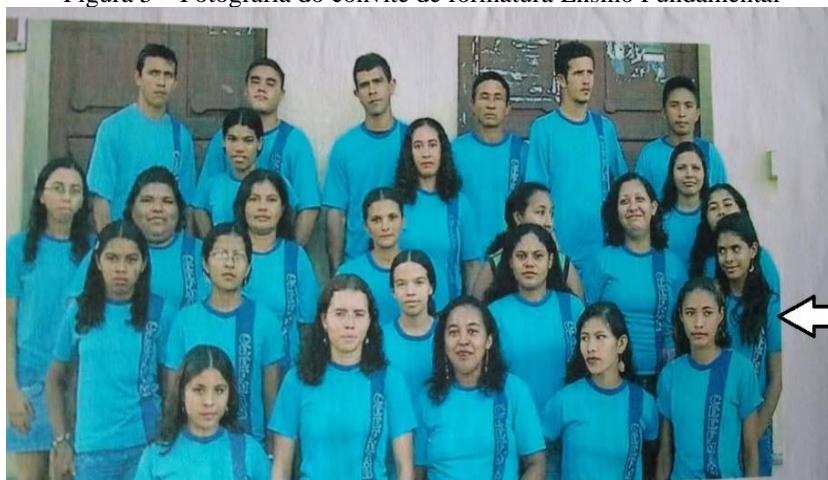
GUIMARÃES (2019) ao definir violência como uma ação ou comportamento que causa algum tipo de dano à outra pessoa, considera *bullying* um tipo de violência. Segundo a autora “a violência nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica, reconhecimento corporal, cultural e de identidade e até mesmo o direito à vida e à circulação e movimentação no mundo social. (GUIMARÃES, 2019. p.5)

Hoje em dia esse assunto é muito debatido na escola, pois implica diretamente no desenvolvimento da aprendizagem e interação dos alunos. Além disso, atualmente há uma maior consciência de que o *bullying* pode causar depressão, ansiedade e o desinteresse do aluno pela escola.

No ano 2001, ainda na mesma cidade, mudei para a casa de outra família conhecida da minha mãe. Cito essa mudança por ter sido de muita importância para minha adaptação e socialização com a escola e com a cidade, pois essa família era bem ativa na comunidade e na igreja. Eu passei a ir junto, participando do grupo de jovens, interagindo e se acostumando com a cidade, dando significado para minha vida naquele novo espaço e aprendendo a segurar a saudade da minha família.

Estudei na Unidade Integrada Auremar Teixeira Ribeiro da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental. Chegamos a realizar uma festa de formatura para comemorar a conclusão (Figura 5), e minha mãe e irmã foram participar.

Figura 5 – Fotografia do convite de formatura Ensino Fundamental



Fonte: Arquivo pessoal.

O Ensino Médio, do 1º ao 3º ano, estudei no Complexo Educacional Almeida Braga, que também fica no município de Luís Domingues - MA. Foi uma experiência nova, era uma escola grande da rede de ensino estadual, todos os dias cantávamos o hino nacional. Havia as gincanas, os festejos juninos e vários outros eventos.

Havia muitas formas de interação com os colegas e os professores. Esses últimos eram sempre motivadores e já utilizavam métodos mais reflexivos, às vezes exibiam filmes e depois promoviam espaços de debate. Havia também experimentos nas aulas de ciências, provas, seminários, feiras e outros.

Em 2003 no segundo ano do Ensino Médio, aos 16 anos de idade, me envolvi em uma relação conjugal e engravidei. Nesse período, tive que lidar com muitos olhares de julgamentos e encarar esse momento com coragem, pois foram muitos desafios e responsabilidades que precisei arcar.

Por decisão de nossas mães, eu e o pai da minha filha tivemos que nos casar. Porém, essa notícia de minha gravidez e a necessidade de casar-se não foi bem aceita por minha, pois percebi sua tristeza e seu distanciamento. Como eu morava em Luís Domingues, ela passou mais de um mês sem ir me ver e sem ligar. Hoje eu compreendo, pois o acontecido não estava nos planos dela e ainda há uma série de implicações quando se pensa em uma gravidez na adolescência. De acordo com Dias, Teixeira:

[...] há uma série de riscos para a saúde relacionados com a gravidez na adolescência, tanto para a mãe quanto para o bebê. Sabe-se, também, que as demandas da gestação e da maternidade implicam diversas transformações no modo de vida das adolescentes, o que acaba limitando ou prejudicando o seu envolvimento em atividades importantes para o seu desenvolvimento durante esse período da vida, como escola e lazer (DIAS; TEIXEIRA, 2010, p.128).

Tendo como base a fala da autora sobre o risco da gravidez na adolescência, meu parto foi prematuro, tive minha filha com 34 semanas e ela precisou passar duas semanas na Unidade Terapia Intensiva (UTI), pois ela estava com alto grau de icterícia¹. Eu tive o bebê em Belém, o que permitiu ter assistência hospitalar e os devidos cuidados, já que em Luís Domingues não tinha UTI e outros meios para que ela pudesse ser socorrida.

Minha filha nasceu em fevereiro de ano de 2004, ainda estava em período de férias o que me permitiu, ter o resguardo após a gestação sem prejudicar os estudos, e assim conseguir continuar estudando. Consegui concluir o terceiro ano do Ensino Médio com ajuda do pai e dos avós da minha filha, que foram meu apoio durante esse período, eles ficavam com ela

¹ A icterícia é um termo usado para descrever a coloração amarelada ou alaranjada da pele e das conjuntivas do bebê e ocorre devido a um aumento de um pigmento no sangue chamado bilirrubina.

enquanto eu ia pra escola e também a levavam a escola quando precisavam que eu amamentasse. Cheguei a faltar por algumas vezes, contudo consegui concluir o Educação Básica.

Apesar das dificuldades, nunca me deixei desmotivar, sempre participei das atividades escolares e nunca deixei de ir às aulas. Terminar o Ensino Médio foi um desafio e, ao mesmo tempo, um objetivo conquistado naquele momento.

3 MINHA ENTRADA NA UNIVERSIDADE E NA VIDA ACADÊMICA

Em 2012, com a obra da Usina Hidroelétrica de Belo Monte, surgiu a oportunidade de meu esposo trabalhar como fotógrafo. Então, nos mudamos para Altamira – Pará, eu estava grávida de seis meses do meu segundo filho.

Depois que meu filho nasceu me dediquei exclusivamente a ele durante o período de três anos. Nesse período, minha filha, que até então morava com minha mãe em São Caetano de Odivelas - PA, também veio morar comigo em Altamira. Com o tempo fomos nos adaptando à nova cidade e às novas rotinas.

Em 2015, quando meu filho já pode frequentar a escola, fiz um curso preparatório para o vestibular. Já em Altamira, cheguei a fazer processo seletivo para entrar na Universidade Federal do Pará (UFPA) por três vezes: em 2015, 2016 e 2017. Na última tentativa, fui aprovada para cursar Licenciatura em Pedagogia, no tão sonhado vestibular da UFPA (Figura 6).

Cursar Pedagogia sempre foi minha primeira opção em todos os vestibulares prestados, pois acredito que ser professor é uma profissão nobre e permite fazer muito por muitos. Então, ter conseguido a vaga foi minha oportunidade de ter conhecimento pessoal, intelectual e profissional.

O curso de Licenciatura em Pedagogia possibilita uma formação inicial do professor de forma ampla, visando qualidade de ensino baseada na reflexão, criticidade, autonomia e na criatividade dos docentes, a partir de uma relação entre teoria e prática tendo em vista que uma complementa a outra. A teoria é essencial para compreensão da realidade na qual a escola está inserida, mas essa compreensão se dá mediante a reflexão sobre prática, momento em que o profissional irá experimentar como acontecem de fato as relações de ensino-aprendizagem na escola.

Nesse cenário, o docente busca aplicar a teoria na prática e muitas vezes recorrem a ela como auxílio para resolver os problemas enfrentados em sala de aula, ou ainda buscar da melhor forma possível proporcionar uma educação de qualidade aos alunos.

Figura 6 – Prédio multidisciplinar, *Campus* Universitário de Altamira



Fonte: Arquivo pessoal.

Em fevereiro de 2017, aconteceu a semana de integração dos calouros na universidade. Particpei com muita empolgação em todos os dias. Nessa mesma semana, acompanhados pelo diretor da faculdade, fomos conhecer o *Campus* I (Figura 7), onde fica localizada a Faculdade de Educação. Esse momento foi muito importante para ir conhecendo as colegas de turmas ali presentes, assim como, para conhecer os espaços da faculdade e da universidade como um todo: salas dos professores, salas de aula, direção, laboratório, espaços de convivência e outros locais que seriam a minha segunda casa por quatro anos.

Figura 7 – Conhecendo a Faculdade de Educação



Fonte: Arquivo pessoal.

Em abril do mesmo ano, começou a tão sonhada jornada acadêmica, fomos recepcionados por professores e outros discentes do curso. Foi um momento bem agradável com dinâmicas, conversas, brincadeiras e socialização com os professores e colegas. Em

julho, já envolvida no espaço, eu e mais alguns colegas de turma recepcionamos a turma de pedagogia intervalar, com dinâmicas, café da manhã e conversas sobre possíveis dúvidas que tinham.

Envolver-se no contexto da universidade, seja recepcionar alunos, organizar evento, palestra e muitos outros eventos dentro do contexto acadêmico, sempre me trouxe o sentimento de pertencimento e merecimento, me fazendo sentir super a vontade para participar das ações da universidade.

As disciplinas de Introdução à Educação, Antropologia da Educação, Psicologia da Educação e Laboratório de Escrita marcaram o início da minha trajetória acadêmica. Foram os primeiros passos para as reflexões sobre a Educação e suas funções sociais e pesquisa científica, pois aprendemos que a educação vai além das fronteiras da escola, ela transforma.

A Educação é um processo que está presente em todas as culturas e sociedades, em todas as fases da vida, e foi a partir dessas primeiras disciplinas, que refletir sobre a minha educação social em minha comunidade. Como ressaltado por Brandão (1981):

A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido e aprendido da cultura seja ensinado com a vida e também com a aula ao educando (BRANDÃO, 1981, p. 21).

Na disciplina Introdução à Educação, a professora sempre muito paciente com os alunos durante as aulas, até porque estávamos nos adequando aquela rotina de estudos e discursos sobre Educação, pelas atitudes de acolhimento, compreensão e busca de adaptação dos alunos, já posso perceber o fazer pedagógico na prática da professora, que vai ensinando desde o começo do curso, tanto na parte teórica quanto na prática.

Lembro-me dos primeiros livros: Pedagogia da Autonomia, de Paulo freire; Democracia e Universidade, de José Saramago; Boniteza de um Sonho, de Moacir Gadotti; e A Educação como Cultura, de Carlos Rodrigues Brandão. Esses autores sempre se fizeram presente com seus textos durante o curso.

Ainda durante essa disciplina, tivemos uma aula externa, em uma das malocas do Campus I (figuras 8 e 9). Foi um momento de leitura e discussão sobre o texto “Boniteza de um sonho”, de Moacir Gadotti, que falava da “boniteza de ser professor de tantos jovens do planeta”. Foi um encantamento ler esse livro, pois aborda temas muito significativos à educação, e futuros pedagogos e professores.

Figura 8 – Disciplina de Introdução a Educação



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9 – Disciplina de Introdução a Educação



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante minha formação, muitas disciplinas me chamaram atenção pelo conhecimento repassado. A disciplina de Legislação, Educação Profissional e Tecnológico foi de muita importância, pois foi nela que pude estudar de forma mais aprofundada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), assim como, compreender como é prevista juridicamente a atuação do pedagogo nos diferentes espaços nos quais ele atua.

Nessa disciplina tive a oportunidades de fazer visitas técnicas (Figuras 10 e 11) que visam o encontro do acadêmico com o universo profissional. A realização destas visitas foi de extrema relevância, pois foi possível observar o ambiente real de uma instituição em pleno funcionamento, além de ter sido oportunizado verificar aspectos teóricos e práticos que regem esses contextos.

Figura 10 – Visita ao SINTEPP



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11 – Visita ao IFPA



Fonte: Arquivo pessoal.

A disciplina “Pedagogia em ambientes não escolares” foi uma disciplina muito proveitosa e muito esclarecedora, porque, até então, eu tinha em mente que o pedagogo só poderia atuar na docência e apenas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas essa disciplina nos mostrou as diversas possibilidades que há nessa profissão. Pudemos verificar isso a partir das entrevistas que realizamos com pedagogos atuantes em várias áreas (figuras 12 e 13), foi possível conhecer o trabalho deles em diferentes espaços.

Figura 12 – Entrevista com Pedagogos



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 – Turma Pedagogia 2017



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa disciplina discute a educação que não é aquela de dentro da sala de aula, considerando que não é só no espaço escolar que se educa, mas também em espaços espontâneos de convivência. Desse modo, foi possível entender que a educação não é apenas uma formação profissional, mas sim um processo intrínseco e constitutivo do ser humano. Como enfatizado por Brandão (1981, p. 10), “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas invenções de sua cultura, em sua sociedade”.

A educação é importante para a construção de qualquer sociedade, pois por ela é possível transmitir valores e crenças, o que evidencia que ela não é um processo exclusivo de uma sala de aula, nem transmitida pelos professores, mas ela se encontra em todo tipo de comunidade.

Os estágios supervisionados de forma presencial foram a nossa introdução no ambiente da docência, proporcionando momentos de grande aprendizagem na nossa trajetória de vida acadêmica. É a ponte que nos permitirá um grande passo para o futuro profissional através das vivências compartilhadas, tanto no que se refere ao ensinar quanto ao aprender, nos motivando dia a dia na descoberta de novos caminhos.

Além de contribuir com o nosso processo de aprendizagem, o estágio nos possibilita realizar intervenções junto com as crianças e professoras regentes, isso se for permitido a usar uma estratégia de ensino para que possa aplicá-la na dificuldade do aluno fazendo com que se chegue ao avanço.

Vou citar nesse primeiro momento os estágios presenciais na Educação Infantil e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois foram satisfatórios em conhecimento prático e no exercício da docência, me permitindo conhecer o espaço escolar, interagir com os alunos e observar a diversidade e especificidade no contexto escolar com objetivo de elaborar uma proposta de intervenção a partir do que foi analisado em sala ou o que o professor regente julgasse necessário, tendo como base o que estava sendo trabalhado com os alunos em sala.

A construção de uma proposta pedagógica para a Educação Infantil precisa compreender a criança como um sujeito histórico de direitos e criador cultural, pois as crianças possuem seu próprio modo de perceber a realidade e assim produzir relações culturais próprias a elas e a educadora, sendo mediadora desse processo, precisa estar disposta a percebê-las.

No Estágio Educação Infantil, trabalhei com crianças do Primeiro Ano - Ensino Fundamental e minha proposta de intervenção foi reforçar o conhecimento das famílias silábicas, a partir da atividade “estouro das famílias silábicas”. Essa atividade consistia primeiro na revisão da família silábica com as crianças e depois no estouro de um balão onde havia uma sílaba escrita no papel dentro do mesmo, onde as crianças estouravam o balão e falavam a sílaba que estava dentro.

Busquei trabalhar as atividades de forma lúdica, pois estas atividades têm por objetivo aprofundar e desenvolver a atenção, imaginação, coordenação motora, sociabilidade das crianças, visando o seu desenvolvimento de forma divertida, significativa e de muita interação com toda a turma. De acordo com Freire (2001),

Ensinar, aprender, estudar são atos sérios, mas também provocadores de alegria. Para educadores democráticos o ato de ensinar, de aprender, de estudar são quefazeres exigentes, sérios, que não apenas provocam contentamento, mas que em si já são alegres (FREIRE, 2001, p.72).

Essa atividade criou muito interesse nas crianças e teve a participação de toda a turma, todos brincaram, perguntaram e se divertiram, sendo possível perceber o interesse deles em querer participar mais de uma vez da atividade assim como acertar as sílabas expostas (Figura 14).

Figura 14 – Intervenção na Educação Infantil



Fonte: Arquivo pessoal.

Esses momentos (Figura 15) também nos proporcionaram o desenvolvimento da nossa capacidade crítica e reflexiva, nos possibilitando fazer uma análise da nossa forma de ensinar, compreendendo a realidade do aluno, proporcionando que ele construa seu próprio saber. De acordo com Libâneo:

O professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz a sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse seu procedimento de pensar seu modo de trabalhar. (LIBÂNEO, 1998, p.29).

Figura 15 – Didáticas usadas nos cartazes



Foto: Arquivo Pessoal

O Estágio na EJA foi desafiador, pois cometi o erro de pensar que, pelo fato de o aluno já está em idade adulta, ele já saberia ler e escrever. Por observar a realidade, esse foi um estágio que me impulsionou e motivou a fazer mais pelos alunos. Fiz alguns atendimentos individualizados nos dias de estágio para aqueles alunos que tinham mais dificuldade.

No último dia de estágio tivemos um momento de interação com todas as estagiárias e os alunos da EJA (Figura 16), onde relatamos nossas vivências, as dificuldades para continuar estudando (condição financeira, saudades da família e outros) e as alegrias alcançadas com os estudos, esse momento foi enriquecedor pois permitiu a interação da turma do EJA.

Figura 16 – Roda de Conversa na EJA



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse foi uma das formas que encontramos para estimular a interação entre aqueles sujeitos. Como ressaltado por Cooper (2018),

O processo ensino aprendizagem acontece passo a passo, onde a educando é estimulado a interagir com seus pares para começa a ter um olhar novo e compreender um ambiente cheio de pessoas distintas, todos com um modo diferente de ser e agir (COOPER, 2018, p.18).

De acordo com o autor, precisamos estimular os alunos, a ter confiança em si, aceitando a diversidade como algo que é comum da sociedade, e todos devem se permitir interagir com o outro para uma melhor aprendizagem.

3.1 AS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO EM DECORRENCIA DA COVID-19

Em março de 2020 o cenário mundial mudou totalmente com a descoberta do novo coronavírus, denominado COVID-19, um vírus muito contagioso e letal. Isso fez com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretasse estado de pandemia, recomendando procedimentos de higiene e distanciamento social como algumas medidas de segurança para tentar conter a propagação do novo coronavírus. Por determinação dos sistemas de saúde no mesmo mês a faculdade teve que paralisar suas atividades presenciais.

Em outubro do mesmo ano, foi publicada pelo Ministério da Educação (MEC) a Portaria nº 544/2020 – que dispunha sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia – e a Resolução 5294/2020, aprovada Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) – que dispunha sobre a implementação excepcional e transitória do Ensino Remoto Emergencial (ERE) em diferentes níveis de ensino, para os cursos ofertados pela Universidade Federal do Pará, através de utilização de meios e tecnologias digitais para a substituição temporária das aulas presenciais.

Nesse novo contexto, as aulas aconteceram de forma virtual, na modalidade de ensino remoto, o que nos possibilitou uma oportunidade de continuar a estudar naquele momento. Senti falta do convívio com as colegas, sala de aula, dos estágios presenciais e das possibilidades da prática. Afinal, ninguém queria que a pandemia estivesse acontecendo e tínhamos que trabalhar de acordo com as possibilidades do momento.

Durante esse período de ERE consegui acompanhar as aulas e o uso das tecnologias não foi tão difícil, pois já fazia uso de algumas ferramentas. Além disso, desde o início do curso, sempre fomos apresentados para esse mundo tecnológico, seja para fazer um *slide*, usar o *e-mail* e outras ferramentas. Porém, assistir aulas pelo computador não era tão comum.

Tivemos algumas disciplinas e estágios no ensino remoto. O Estágio Supervisionando em Gestão e Coordenação Escolar” na modalidade ERE, permitiu-me observar como as escolas estavam lidando com a nova modalidade. As diretoras e as professoras estavam em formação para poder atender aos alunos de forma eficiente, mas, assim como Libâneo (2011, p. 34), percebi que “os educadores escolares têm uma notória resistência à tecnologia e aos meios de comunicação eletrônicos”.

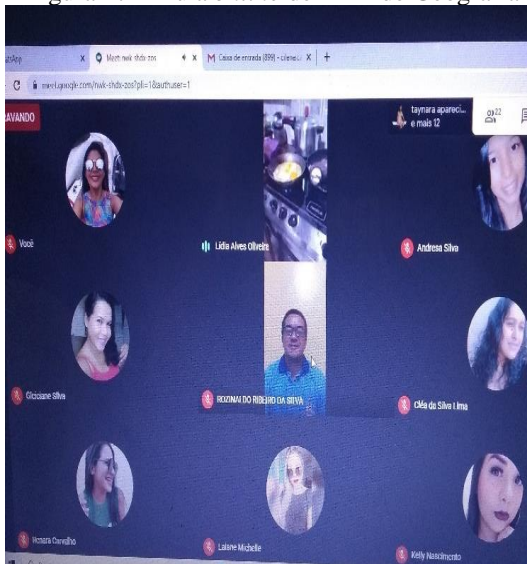
Minha turma chegou a ministrar oficinas *online* para algumas professoras, ensinando-as como fazer vídeo aula e quais ferramentas poderiam facilitar a elaboração da aula no ensino remoto. A oficina que ministrei foi só para uma aluna que tinha muita dificuldade, o que me possibilitou dar a atenção necessária.

As disciplinas e os estágios na modalidade ERE proporcionaram muitos conhecimentos, pois permitiram aos discentes adentrar nessa nova modalidade de ensino, produzindo conhecimentos práticos na utilização das ferramentas didáticas tecnológicas. Para Libâneo:

Os cursos de formação de professores precisam garantir espaços para práticas e estudos sobre as mídias, sobre a produção social de comunicação escolar com elas e sobre como desenvolver competente comunicação cultural com várias mídias (LIBÂNEO, 2011, p.34).

Portanto, o curso de Pedagogia nos deu formação metodológica, com muitas experiências nessa nova modalidade de ensino, pois cada professor em sua disciplina nos mostrava algo novo, nos atualizando para novos contextos (figuras 17, 18 e 19).

Figura 17 – Aula online de FTM de Geografia



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 18 – Gravação de Vídeo aula



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19 – Folder de divulgação



Fonte: Arquivo pessoal.

Na universidade sempre teve muito eventos, palestras, feiras, seminário, simpósio, oficinas e outros (figuras 20, 21 e 22). Eu sempre busquei participar desses eventos, pois queria estar envolvida no meio acadêmico. Se eu pudesse, teria frequentado bem mais a universidade, sempre achei que produzia bem mais quando estava no laboratório, com outras colegas de turma fazendo trabalho, conversando sobre os mesmos, o pensamento fluía de forma significativa onde podíamos debater os assuntos e eles iam acomodando na mente.

Houve grandes eventos em que participei como comissão organizadora como a Feira Literária Internacional do Xingu (FLIX), as duas temporadas no evento cultural Sarabalsa (Figura 20) e na Feira Vocacional no estande do Curso de Pedagogia, na qual gostava de explicar sobre o curso e a importância do mesmo para a educação, eventos como organização de palestras, ministrar oficinas pedagógicas durante o período do curso foram de grande importância para minha formação.

Figura 20 – Evento cultural Sarabalsa



Fonte: David Alves.

Figura 21 – Amizades construídas



Fonte: Arquivo pessoal.

Todas as experiências acadêmicas e amizades que conquistei dentro do espaço acadêmico foram fundamentais para meu crescimento pessoal, social e profissional, pois os mesmos me permitiram as trocas de experiências, ideias, organização, planejamento e socialização para a minha vida.

Poder fazer esta trajetória escrita em forma de memorial, foi um momento que rememorei muitos eventos da minha vida, as circunstâncias da vida pessoal, emocional, escolar e acadêmica. Isso tem uma representatividade de resistência, persistência e empoderamento como mulher, estudante e acadêmica de uma universidade pública.

Figura 22 – Comemoração 50% do curso de Pedagogia



Fonte: Jaime Souza.

3.2 MINHAS EXPERIENCIAS COM FREIRE E LIBÂNEO

No decorrer do curso e das disciplinas, os professores nos apresentaram grandes autores, cientistas da educação. Os que me chamaram atenção foram Libâneo e Freire, os quais uso como referências no decorrer desse memorial. Esses autores têm uma forma acessível e compreensível de explicar a educação em todas suas esferas, seja ela, pedagógica, didática, política ou social.

Freire, através de seus textos, defende a autonomia intelectual de seus alunos e compreende a sala de aula como um espaço de troca de conhecimento. Pois essa é a função do processo educacional. Para ele,

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo (FREIRE, 1987, p.44).

O autor acredita que o diálogo entre alunos e professor favorece o aprendizado e que a aprendizagem é uma maneira de conhecer o mundo para transformá-lo, já sabendo que ele está em constante transformação.

Já Libâneo (2004), falando sobre as especificidades e funções sociais da escola, ressalta que

A escola necessária para fazer frente a essas realidades é a que provê formação cultural e científica, que possibilita o contato dos alunos com a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética, pela ética. Especialmente, uma escola de qualidade é aquela que inclui, uma escola contra a exclusão econômica, política, cultural, pedagógica (LIBÂNEO, 2004, p.7).

Esses autores acreditam na educação com forma de libertação, valorizando os conhecimentos e seu fazer crítico.

3.3 MULHER, MÃE E EDUCADORA

Voltando a discorrer sobre minhas experiências e trajetória, passar no vestibular foi um desejo que se realizava, porém, minha rotina se sobrecarregava: rotina de mãe, esposa, trabalhadora e do lar. Muitas coisas para organizar, mas foi isso que procurei fazer durante esses quatro anos de faculdade.

Entrar na faculdade tendo toda essa gama de obrigações foi um desafio, afinal, a vida da mulher trabalhadora não é fácil e o objetivo de se formar foi um caminho cheio de percalços, mas também de alegrias. Como já estava matriculada na faculdade, as rotinas pesavam, contudo, ia me organizando para conseguir permanecer no curso.

Silva (2019), tratando do acesso e permanência nas universidades brasileiras, ressalta que

No Brasil, o acesso à universidade e sua permanência são privilégios de uma parcela reduzida da sociedade. Mesmo em pleno século XXI, com as lutas de classe e debates sobre igualdade de gênero nos espaços acadêmicos, muitas mulheres, mães e trabalhadoras, ainda são excluídas. Pois, mesmo passando para vida adulta, as mesmas são sobrecarregadas de deveres e obrigações que são reproduzidos como papel da mulher casada (SILVA, 2019, p. 20).

Contudo, observando a fala da autora, eu sou uma dessas mulheres, não me deixei ser excluída, embora sobrecarregada de deveres e obrigações de mulher casada e mãe. É essa a realidade de muitas mulheres como eu.

Como meus filhos estudavam pela manhã já facilitava um pouco, eles ficavam na escola e eu ia para faculdade. Eu tinha uma bicicleta o que me ajudava ir para faculdade e às vezes deixar meu filho menor, pois a escola era no caminho. Tive que negligenciar o trabalho em *home office* durante a semana ou só trabalhava quando tinha evento a noite ou finais de semana.

Em casa, nas primeiras semanas acordava bem cedo, às 5h, para fazer café, almoço, arrumar a casa e depois acordava as crianças para ir para escola. Tudo isso para facilitar minha ausência de casa, pois quando chegávamos, já era hora do almoço, estavam todos com fome. A tarde ou a noite eu tinha que auxiliar meus filhos na atividade escolar, assim como, ler algum texto ou fazer algum trabalho da faculdade. Agir assim durante duas semanas, o que

me acarretou uma baixa resistência e adoeci por três dias. Então resolvi não exigir tanto assim, sempre fiz e faço as mesmas obrigações, mas não a ponto de adoecer.

Continuei fazendo as mesmas ações, mas dentro do meu tempo. Sempre assumi minhas responsabilidades e obrigações com a minha família, educação dos meus filhos, trabalho e faculdade. E durante esse período de formação, cumprir com todos.

Nesse período de ensino remoto com as crianças em casa, houve grande sobrecarga nas atividades. No começo fiquei muito desorientada, afinal estávamos numa pandemia e eu tinha que saber os horários de aula, arrumar o computador, livros, mas fomos aos poucos nos adaptando.

Tive que colocar a futura pedagoga para trabalhar antes de concluir a formação, pois embora as professoras passassem o conteúdo, os pais tinham que orientar os filhos a fazer as atividades, foi um grande aprendizado nesse período.

Figura 23 – Eu e meu filho em momentos de aula *online*



Fonte: Arquivo pessoal

Conciliar faculdade com todas as obrigações requer força de vontade e motivação, tive como objetivo nesse período a esperança de oportunidade de trabalho, crescimento profissional e de ser exemplo para muitas mães como eu, não desistir de suas escolhas. Nesse contexto me unir as mães que cursavam o curso de Pedagogia comigo e que tinham as mesmas características que a minha, nos fortalecendo durante todo o período de formação.

No decorrer do curso, presenciei várias colegas desistindo e não foi somente pela correria com atividades do dia a dia da faculdade, mas por pressões psicológicas que as deixaram desmotivadas de suas escolhas, além da falta de condições financeiras para se manter no curso.

4 MEU ENCONTRO COM O TRABALHO PROFISSIONAL

Após concluir o Ensino Médio, em 2006, no Complexo Educacional Almeida Braga, na cidade Luís Domingues - MA, comecei a trabalhar por temporada em uma franquia da Caixa Econômica Federal. A remuneração era R\$ 50 por 10 dias de trabalho, nessa época o salário era R\$ 350,00 então eu não ganhava nem 15% do salário-mínimo da época.

Em 2007, me separei do meu primeiro casamento, sai de Luís Domingues e fui morar em Belém - PA. Tinha somente minha primeira filha, que resolvi deixar com minha mãe, momento marcante na minha vida, pois não estava bem psicologicamente e não havia possibilidade de levá-la comigo e nem oportunidade de um trabalho no qual eu pudesse ficar com ela. Em Belém morei com minha madrinha, as coisas foram bem difíceis no começo, tinha saudade da minha filha e não consegui trabalho de imediato.

Não tinha formação, apenas o Ensino Médio, mas tinha experiência em cuidar de crianças. Então, comecei a trabalhar como babá aos finais de semana e fazer treinamento para menor aprendiz, foi assim que comecei a trabalhar como menor aprendiz em clínica de diagnóstico. Trabalhei por um ano como menor aprendiz, adquirindo experiência em almoxarifado, contas médicas e recepção de clientes.

Contrataram-me de carteira assinada como recepcionista e pude deixar de ser babá aos finais de semana. Trabalhei por um ano e meio e pedi demissão do trabalho. Nesse mesmo tempo conheci meu atual esposo, o que me ajudou a conseguir um trabalho como recepcionista de eventos. Prestei serviço para duas empresas do ramo de evento em Belém. Esse trabalho consistia em recepcionar participantes e ajudar os organizadores de congressos, feiras, simpósios, reuniões e ação social. A minha demanda de trabalho dependia da quantidade de eventos que as empresas me direcionavam e como as vezes não era o dia todo, me permitia ter um tempo livre que eu usei fazendo curso pré-vestibular.

Em 2010 minha mãe mudou da praia para São Caetano de Odivelas - PA, o que me possibilitou ver, acompanhar e ajudar minha filha mais de perto. Parei com o trabalho de recepção em eventos em 2012, quando engravidei do meu segundo filho. Hoje meu esposo tem uma empresa no ramo de fotografia onde eu trabalho executando serviços fotográficos, fazendo produção e pós-produção de fotos como seleção e edição das fotografias.

No ramo do meu atual trabalho, o curso de Pedagogia me possibilita a organização, elaboração de projetos, oficinas, entre outras atividades. Tenho pretensões de exercer a docência no ramo do curso técnico, projetos sociais e a Pedagogia me possibilitou, durante a formação, conhecer os mecanismos necessários para esse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas constituem os dilemas, as superações no meu processo educacional e os contextos sociais por mim vivenciados em busca de estudo, desde a infância até a vida adulta, o que me proporcionou chegar ao Ensino Superior. Os desafios vivenciados, por ser mãe universitária no curso de Pedagogia, e os contratempos do dia a dia fazem parte do meu processo de crescimento, resistência e ressignificação do meu lugar no espaço universitário.

Apesar dos desafios, considero que as leituras de teóricos, pesquisas realizadas e as experiências vivenciadas como discente do curso de Pedagogia me proporcionaram uma boa formação, sendo ela satisfatória, pois ofereceu elementos para a construção da minha práxis pedagógica, auxiliando-me na busca de saberes, formação reflexiva, produção de conhecimento e oportunidades profissionais para a docência nos diversos ambientes onde posso atuar.

REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, M. D. L.; ARCOVERDE, R. D. L. **Leitura Interpretação e Produção Textual**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2007.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n. 544 de 16 de junho de 2021**. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> acesso em 15 de janeiro de 2021.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- COOPER, A. N. **Autoestima: sua importância no processo ensino aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos EJA**. Manaus, 2018.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DIAS, Ana. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2010, v. 20, n. 45 [Acessado 25 setembro 2021], pp. 123-131. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100015>.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 4. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- GUIMARÃES, Tamires Lima. **O bullying e o papel das escolas públicas**. 2019.

- LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática.** 5. ed, 2004.
- LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MINAYO, M. C. L. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- SILVA, A. C. O. **Estudante, trabalhadora, mãe:** trajetórias de vida-formação-profissão de mulheres universitárias. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, 2019.
- SOUZA, E. M. F.; DOURADO, L. S. **Memorial de formação como gênero do discurso:** Produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 3, n. 2, p. 37-56, jul.-dez. 2014.